

“FUTEBÓIS” NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: AINDA FAZ SENTIDO PROPOR UMA OFICINA DE FORMAÇÃO?

Eliene Lopes Faria¹

Thiago José Silva Santana²

Palavras iniciais...

- “Olá turma! Como vocês estão?”

A resposta vem através de sons descontraídos onde é possível discernir alguns “bem”, “beleza” também apresenta sinais de positivos com as mãos.

- “Hoje o tema da aula é ...”

Antes que a frase seja completada um grito cruza/ecoa a/na sala:

- “FUTEBOL!”.

Toda a turma já sabia que, pelo combinado feito nas aulas anteriores, o tema não seria futebol. Mas, a insistência em dissuadir o professor é proporcional à vontade de jogar futebol!

Escrever sobre a oficina “Futebóis” neste livro nos trouxe muita alegria e, também, certa dose de ansiedade. Afinal, diante dos desafios inerentes ao chão da escola, conjugado à necessidade de ampliar/diversificar os conteúdos/conhecimentos a serem tratados nas aulas de Educação Física (EF) (sobretudo, situando práticas emergentes que se constituíram como alternativas de ensino dada a relevância social entre crianças e jovens), abordar o nosso “velho” futebol pode parecer sem sentido ou mesmo “fora de moda”. Em outras palavras: aparentemente, um capítulo destinado ao futebol poderia “furar” a linha de argumentação do livro. Mas, ao ofertar a oficina “Futebóis” no *I Pensando a Educação Física Escolar*, nos lançamos em direção a um necessário estranhamento daquilo que, de tão familiar, nos causa cegueira: a complexidade de práticas e de relações inerentes ao futebol no Brasil, bem como, a sua vitalidade de invenção cotidiana. O futebol continua, assim, como um desafio no âmbito da EF: uma vez que ele se impõe; uma vez que ele nos constitui. O relato sobre o tema “Futebóis” no contexto dessa obra convida, portanto, a um olhar renovado

¹ Professora de Educação Física do Colégio Técnico/UFMG e co-líder do *Grupo de Estudo e Pesquisa Pensando a Educação Física Escolar*.

² Professora de Educação Física da Rede Municipal de Belo Horizonte (MG).

para uma prática consolidada no espaço escolar e fortemente enraizada na cultura brasileira. Tais características do futebol revelam uma riqueza que, muitas vezes, é pouco explorada nas aulas de EF.

Não há como retomar aqui o denso debate sobre a inserção e popularização do futebol no Brasil. Não recuamos, entretanto, da necessidade de apresentar alguns aspectos que o constituem. Porque, se os relatos docentes e os estudos sobre o cotidiano da EF escolar (FARIA, 2008 e SILVA, 2004, por exemplo) indicam que o futebol se faz presente no cotidiano mesmo quando ele não é tematizado nas aulas, por outro lado, tal constatação nos permite assumir que a docência nesse campo requer o diálogo com os aspectos que envolvem a sua prática dentro e fora da escola.

É fato, que no Brasil a prática do futebol é amplamente difundida e que trata-se de uma “manifestação cultural que se multiplica e se desdobra numa diversidade de práticas, assumindo múltiplos contornos em diferentes contextos sociais” (FARIA, 2008, p. 12). De acordo com Faria (2008, p. 13): o futebol é “uma prática que envolve códigos, interesses, identidades, redes de sociabilidade e uma diversidade de sujeitos, em todos os âmbitos de sua manifestação”. Assim, ele se constitui como prática profissional (atletas, treinadores, juízes, jornalistas, etc.), prática educativa (em escolas, “escolinhas” e projetos sociais), prática ritual (nos jogos entre os clubes brasileiros, por exemplo) e prática cotidiana (as peladas nas ruas, campos de várzea) (FARIA, 2008). No País, o futebol permanece, entretanto, como prática majoritariamente masculina³ e é tal o seu impacto na cultura brasileira que ele não se restringe a uma faixa etária específica. Mesmo sendo “pouco acessível às mulheres, o futebol atravessa o cotidiano feminino” e participa, também, do processo de constituição das mulheres (FARIA, 2008)⁴.

Não são simples, então, os elementos que permitem que a cena acima (descrita na epígrafe) seja percebida como realidade para em muitas escolas brasileiras⁵. Tal situação, amplamente experimentada em nosso cotidiano docente, provavelmente, já foi vivenciada por outras professoras e professores em algum momento. Mais do que isso: como podemos

³ Embora já se observa crescente envolvimento feminino, notadamente pela projeção de atletas, como Marta, escolhida a melhor do mundo pela FIFA, e medalha de prata na Olimpíada de 2004/2008.

⁴ Para saber mais sobre futebol e gênero no Brasil ver “Pode a Mulher Praticar futebol?” de Silvana Goelner. In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Futebol: paixão e política. Rio de Janeiro, DP& A, 2000, p. 79-93.

⁵ A expectativa das(os) estudantes em torno do futebol nas aulas é pauta de conversas informais entre professores, por exemplo, no coletivo *Pensando a Educação Física Escolar*.

perceber nos debates entre os pares e na produção bibliográfica da área, os processos de persuasão dos alunos em torno do futebol nas aulas de Educação Física (EF) são recorrentes nas salas/quadras de aula de nosso País.

Isso nos faz constatar que para alguns docentes, lidar com os enfrentamentos cotidianos em torno do futebol nas aulas de EF é um teste que conjuga paciência e resiliência. Afinal, o encontro entre a vontade de parte insistente dos estudantes (de que o futebol seja o tema das aulas) e as intenções pedagógicas dos professores e professoras (para abordar outros conteúdos de ensino) geram tensões nessa relação. Essa situação pressiona o tempo próprio que o processo pedagógico demanda: de acordo com as particularidades de cada turma, com a necessidade de contemplar objetivos previstos nos documentos norteadores da educação (das redes municipais, estaduais ou federal), com os projetos político pedagógicos das escolas e com o compromisso dos professores em oferecer aos seus alunos o conhecimento amplo e complexo do campo da EF.

Tendo situado essa problemática, neste capítulo pretendemos cumprir um duplo desafio: a) compartilhar, a partir de nossa experiência docente expressa na oficina de “Futebóis” (realizada no *I Encontro Pensando a Educação Física Escolar*), possibilidades nas quais outras professoras e professores possam refletir e construir a prática docente de acordo com a sua realidade; b) convidar professores e professoras a experimentar “Futebóis” com as crianças e jovens nas aulas de EF, ou seja, sem torná-lo o único conteúdo de EF, constituir uma relação respeitosa e de intervenção a partir do sua tematização nas aulas.

Mas esse exercício não pode ser destituído da história. Ao contrário, tal processo vai exigir o acolhimento e o permanente diálogo com as trajetórias dos docentes e dos educandos na relação com a histórica inserção cultural do futebol no País. Afinal, somos todos brasileiros marcados pela prática cotidiana do futebol. Iniciaremos por aí!

Entre trajetórias de professores/oficineiros e as marcas do futebol no corpo

Considerar as argumentações sobre a complexidade de questões (políticas, econômicas, históricas, culturais, identitárias, de gênero, etc.) que envolvem o futebol no Brasil, torna possível observar que ele não é unívoco, mas que constitui marcas distintas nos corpos dos diversos sujeitos que com ele se relacionam de diferentes maneiras. Tal aspecto – entendido como uma possibilidade de lente de aumento para a diversidade

inerente às aulas de EF, bem como, à participação no futebol – nos levou a retomar e compartilhar as trajetórias que nos permitiram acolher o desafio de ofertar a oficina “Futebóis”. Segue, portanto, um pouco da história sobre como fomos, aos poucos, nos tornando professores que percebem a importância e os desafios colocados ao trato com os “Futebóis” na escola.

O futebol é um tema que, assim como para boa parte da população brasileira, faz parte da minha formação desde a minha infância. Foi ainda criança que o gosto pelo futebol começou a ser forjado e ao longo dos anos consolidado. As brincadeiras com os colegas de infância na rua, na escola, em grande parte eram relacionadas ao futebol, que também permeava as conversas com vizinhos, colegas e familiares. O jogo na rua tinha as mais diversas configurações. Poderia ser com mais um vizinho, com vários ou até mesmo sozinho. O jogo de botão era um dos meus brinquedos preferidos, com o qual interagi bastante com meus vizinhos, sem contar a prática do futebol como aprendiz em um campo na vizinhança do bairro.

Nos dias em que a brincadeira devia acontecer de forma solitária e sem a possibilidade de um espaço amplo, o futebol também estava presente ao tentar reproduzir em miniaturas estádios com blocos de brinquedos ou peças de dominó, bem como a dinâmica de um dia de futebol. Ir ao estádio em dia de jogo foi uma prática que estava associada a figura paterna. Foi meu pai quem me levou pela primeira vez ao estádio e com quem passei várias tardes de domingo, às vezes só nós dois, outras acompanhado de meu irmão e de vizinhos. Ir ao Mineirão torcer para o Clube Atlético Mineiro é uma das mais fortes influências que trago relacionadas ao futebol. Enfim, brincar, assistir televisão, ouvir rádio, decorar hinos, ir ao estádio, todas essas vivências contribuíram para consolidar meu gosto pelo futebol. E foi através delas que fortaleci os laços familiares e com amigos, vizinhos e colegas.

A influência do futebol e de outras vivências esportivas contribuíram para a escolha em cursar Educação Física, além dos exemplos familiares para a docência pois minha mãe e minha madrinha (irmã de minha mãe) são professoras. Posteriormente, já na universidade, tive a oportunidade de participar desde a fundação do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) um grupo que tematiza o futebol sob a ótica das ciências humanas e sociais. O contato com textos que buscavam explicar a relação que a população brasileira tem com o futebol, os usos políticos que dele fizeram, as inúmeras formas de sociabilidade que ele proporciona foram aspectos que eu não imaginava serem possíveis

temas de pesquisas e que me encantaram bastante. Tive contato com defesas de teses e dissertações que tematizaram o futebol e diferentes áreas como os estudos do lazer, a educação, a história e a psicologia. O contato com essa variedade de pesquisas, com enfoques tão diversos, ampliou o meu entendimento sobre o futebol. Concomitante a isso, foi importante para minha formação como professor, a participação nos projetos de extensão do grupo junto a escolas de ensino fundamental e médio. Nesses projetos pude participar e acompanhar de atividades pedagógicas que buscavam mostrar os vários aspectos que compõe o futebol. O resultado desses anos de intervenção do GEFuT junto às escolas, aliadas às demais pesquisas desenvolvidas pelos membros do grupo, resultou na publicação em 2016 do livro “O ensino do futebol: para além da bola rolando” do qual participo na coautoria de um capítulo.

Essa diversidade de vivências me instigou a fazer o mestrado nos estudos do lazer investigando torcidas de futebol. A pesquisa de mestrado intitulada “O clube no coração e/no bolso: os processos de mercantilização do torcer a partir de um programa de sócio torcedor”, defendida em 2016, acaba sendo um caminho resultante do universo de práticas relacionadas ao futebol ao qual estive em contato desde minha infância, em especial a vivência como torcedor, e que me constituíram como pessoa. Devido, também, a essa paixão pelo futebol e à curiosidade em querer compreender melhor como algumas mudanças pelas quais ele vinha passando e como algumas medidas adotadas por alguns clubes (denominados grandes) afetavam a relação do torcedor com o clube. Isso resultou na investigação de mestrado na qual pesquisei a relações que os torcedores do Atlético estabelecem com o programa de sócio torcedor do clube. Na pesquisa verifiquei que o programa de sócio torcedor passa a ser um elemento que orienta a relação entre torcida e clube pela lógica empresarial. Também observei que as transformações pelas quais passou o país e o futebol, capitaneadas pelos megaeventos realizados no Brasil, em especial a Copa do Mundo de 2014, contribuíram para um processo acentuado de mercantilização dessa forma de lazer que é o torcer.

Já minha trajetória como professor atuante na educação básica começa atuando como professor designado do Estado de Minas Gerais em 2010 e 2011. Houve um breve hiato na docência quando trabalhei como assistente administrativo da prefeitura de Belo Horizonte em 2012 e 2013. Voltei a trabalhar como professor concursado da rede estadual em 2013. Em 2014 deixei a rede estadual para trabalhar na rede

municipal de Belo Horizonte, onde continuo desde então. Nesse caminho sempre me vi desafiado a conciliar o interesse das turmas, com o compromisso e a necessidade de mostrar as variedades das práticas corporais, tentando não ser superficial. Tarefa difícil de realizar, uma vez que cada turma é diferente da outra. As estratégias que funcionam para uma turma as vezes não funciona para outra. Nesse sentido, a troca de experiências com amigos de profissão é um fator importante que segue contribuindo para o meu aprimoramento como profissional. A troca com os pares de profissão é um momento de acolhimento e aprendizado que agrega sobremaneira o saber sobre o fazer pedagógico. Inicialmente essas trocas ocorreram (e ainda ocorrem) num grupo de amigos que constituem um time denominado "Pé de Cachorro". Time esse que conta com pessoas com diversas habilidades futebolísticas, onde quase todos são professores da educação básica e que compartilham suas experiências pedagógicas, sejam elas exitosas ou não. Num outro momento próximo surge um espaço onde essas trocas se ampliam com outros pares de profissão. Trata-se do meu envolvimento com o coletivo Pensando a Educação Física Escolar (PEFE). A possibilidade de participar de um coletivo de professores que refletem e compartilham suas práticas contribuiu para, de forma ainda mais nítida, compreender-me em estado constante de formação. Se é na prática cotidiana que nos constituímos como professor foi no PEFÉ que encontrei outros pares cujas trocas contribuíram para a reflexão sobre minha prática docente. Sigo-me (des/re)fazendo como professor na experiência de participar do PEFÉ. A coletividade das trocas, devido ao PEFÉ, com outros profissionais com realidades bem diversas proporcionou um compartilhamento de experiências ainda maior e que culminou com a realização da oficina de "Futebóis" no I Encontro Pensando a Educação Física Escolar. O prazeroso diálogo com a professora Eliene Lopes Faria e com o professor Luiz Gustavo Nicácio na construção da oficina, bem como a troca de experiências com os participantes da mesma foi bastante enriquecedor que esperamos que também seja pra quem ler este capítulo. (Professor/oficineiro Thiago)

Analizando a minha trajetória pessoal e docente pude perceber que, até o trabalho desenvolvido na tese de doutorado (2004 a 2008), jamais tinha experimentado uma situação de grande envolvimento cotidiano com as práticas de futebol. Terceira de quatro filhas, o futebol não fez parte dos jogos e brincadeiras na minha infância, nem mesmo nas aulas de Educação Física. Isso porque os esportes praticados pelas mulheres,

nessa época, eram o vôlei e o handebol. Do meu pai herdei uma “adesão” (fraca) à torcida do Cruzeiro. Porém, como ele (que se envolve com o esporte apenas como telespectador), jamais frequentei campos e/ou estádios de futebol. E jamais usei uma camisa do clube.

Meu contato com o futebol, no curso de Educação Física da Universidade Federal de Minas Gerais, se deu em duas disciplinas específicas: Futebol de Campo e Futebol de Salão. No curso de graduação, entretanto, jamais joguei um “jogo de verdade”. Atenta aos processos pedagógicos para o ensino das técnicas, regras futebolísticas e demais aspectos que o envolvem, não me sentia à vontade no jogo. Na Universidade Federal de Ouro Preto, onde fui professora de Educação Física (de 1997 a 2009), é que experimentei, algumas vezes, o jogo. Em algumas aulas – para motivar as jovens a participar do jogo de futebol em turmas nas quais predominava o masculino (por exemplo, nas turmas de Engenharias que havia poucas mulheres) – tive a oportunidade de jogar futebol com os alunos. Portanto, como outras mulheres brasileiras, nasci e cresci no “país do futebol” sem praticar o jogo – o que não significa que esse esporte não fazia parte de minha vida. Afinal, neste contexto cultural, o futebol é prática do âmbito masculino.

Investigar o futebol, nem de longe era a minha intenção inicial quando pensei em investir na trajetória de pesquisadora. Conforme descrevo na tese, o interesse em compreendê-lo surgiu do estudo feito, no mestrado, sobre as práticas esportivas escolares. A pesquisa, intitulada “O esporte na cultura escolar: usos e significados (2001)”, possibilitou desvelar aspectos importantes da produção do esporte na escola, bem como, suscitou a elaboração de questões que apontavam para a necessidade não só de aprofundamento como também de mudança de foco.

Ao deparar com o fato de que o futebol acontece (ou se produz) cotidianamente na escola de maneira independente em relação às práticas de ensino, a minha intenção inicial de professora era criar formas ou métodos que pudessem transformá-lo em objeto de ensino nas aulas de Educação Física. Inserida na produção acadêmica da Educação Física escolar no Brasil, buscava soluções para a falta de “trato pedagógico” desse esporte. Mas um novo olhar sobre os dados de pesquisa, constituído do diálogo com outras áreas de conhecimento (principalmente com o campo da Antropologia), levou-me a fazer outras reflexões e a formular outros questionamentos para as práticas de futebol produzidas no contexto escolar. Assim, a necessidade de propor formas de ensinar o futebol foi sendo substituída pelo desejo de compreender mais a sua produção/aprendizagem. Passei a interessar-

me pelo estudo (descrição e análise) de como se aprende uma prática não ensinada deliberadamente, mesmo quando se dá no contexto escolar. Como dizem os alunos nas aulas de Educação Física: “É futebol? Então solta a bola, professor”.

O percurso de pesquisa do futebol no doutorado foi repleto de desafios. Afinal, como seria possível acessar processos de aprendizagem em situações nas quais o ensino não é a referência? Como seria a inserção de uma mulher (na pesquisa de campo) em uma prática que no Brasil é tão marcadamente forjado por exercícios de masculinidades? O diálogo com antropologia, o cuidado ao situar a presença feminina no campo, bem como, a compreensão de aprendizagem como inerente à prática cotidiana (sobretudo os estudos de Lave e Wenger, 1991) constituem a tese de doutorado defendida em 2008.

Mas a pesquisa do futebol não permite uma transposição automática dos conhecimentos produzidos para a prática docente cotidiana. Ao contrário, nos anos que se sucederam à pesquisa do futebol eu me vi diante de muitos e complexos problemas com o ensino na e da EF na escola. Nunca imaginei que estudar aprendizagens fora da escola, me levasse de maneira tão radical a perceber os seus processos internos. Aprender sobre como se aprende futebol me ajudou a perceber que a minha prática de professora (embora amplamente engajada no propósito de constituição de sujeitos críticos e autônomos), muitas vezes, caminhava na contramão dos processos dos quais eu elegera como horizonte da educação. Enfim, a pesquisa sobre o futebol me mudou como professora.

Passei a me incomodar mais com alguns aspectos das minhas práticas docentes. Assim, me incomodava a distância entre a prática escolar e a prática social fora da escola (que envolve distintos elementos e formas de engajamento). Me incomodavam alguns exercícios para aprender (sobretudo aqueles que desconfiguravam a prática social a ponto de os alunos perguntarem: “– Professora, que horas vamos poder jogar de verdade?”. Me incomodavam as turmas com idades homogêneas (pois no cotidiano muitas aprendizagens são intergeracionais). Me incomodava a posição centralizadora do conhecimento docente (a ideia de que o professor é o único sujeito capaz da crítica social na escola). Me incomodava a ideia de que eu ia transmitir um conhecimento/produto para os meus alunos e que eles iam internalizar.

Em 2010 ingressei no Colégio Técnico da UFMG e, desde então, trabalho com o ensino EF para os jovens. Como professora de EF do Ensino Médio, tenho me deparado com o desafio de educar esses sujeitos para uma

apropriação crítica dos conteúdos da EF (dentre os quais o futebol é objeto de tensão permanente). Tal processo, embora, árduo, também traduz a beleza das possibilidades de me inventar (como pessoa e professora) com os outros: seja como os alunos da escola, seja com os pares (sobretudo no coletivo de professores do “Pensando a EF escola”), seja com as pesquisas sobre o tema, seja com as demais formas de expressão que emergem do futebol. (Professora/oficineira Eliene)

A oficina “Futebóis”: reflexões sobre o projeto e sobre a prática

Nada melhor do que a docência para o exercício de compreensão da diferença entre planejamento e realidade. Acontece que a educação escolar – que pratica a formalização no planejamento do ensino – funciona como uma lente de aumento para esse aspecto do cotidiano, ao mesmo tempo, tão comum e invisível: o descompasso entre o planejado e o vivido. Com a oficina futebóis não foi diferente. Construímos uma proposta de oficina para oferecer no evento *I Pensando a Educação Física Escolar*, do coletivo de professores do qual fazemos parte, em julho de 2017. Mas, uma vez iniciada a oficina, a realidade – sempre caótica e repleta de outros sujeitos – se abre para o diálogo. Aí está a beleza de ser professor! Dar aulas é um processo intencional de invenção de si mesmo e do mundo!

Antes de adentrar na descrição do processo, é oportuno sinalizar que a proposta foi elaborada e realizada por dois professores e uma professora. Além dos autores desse texto, o professor Luiz Gustavo Nicácio compôs o corpo docente e é parte fundamental da constituição da oficina “Futebóis”⁶. Informar isso ao leitor, além de fazer justiça ao processo, também nos permite retomar um princípio fundamental do fazer docente: o aprender entre pares (Lave e Wenger, 1991). A oficina “Futebóis” nos permitiu esse tipo de exercício.

O programa da oficina “Futebóis” trazia como ementa:

A oficina tem por objetivo apresentar aos professores e professoras as diversas possibilidades de trabalhar o futebol na escola para além das formas tradicionais de abordagem. Para tal serão apresentadas

⁶ Por motivos diversos Luiz Gustavo Nicácio (atualmente, professor do Centro Pedagógico da UFMG) não compôs a escrita desse artigo. Contudo, não é possível desvinculá-lo do projeto. Afinal ele dividiu (multiplicou) conosco a oficina – percurso no qual foi intenso o compartilhamento de conhecimentos sobre os temas futebol, EF, sujeitos escolares, educação, dentre outros debates que integram o fazer docente. Portanto, esse artigo traz as marcas do processo de imersão e de aprendizagens do qual estivemos envolvidos com ele naquele evento e para além dele. Gratidão é a palavra que exprime nossos sentimentos em relação a oportunidade de partilhar esse projeto com o professor Luiz Gustavo Nicácio.

possibilidades pedagógicas a partir dos seguintes tópicos: Por que ensinar futebol para além da bola rolando; História do futebol; Futebol e cultura; Futebol e o torcer; Futebol e Copa do Mundo; Futebol e profissão; Futebol e racismo no Brasil; A violência no/do futebol; Futebol, gênero e sexualidades; Futebol e artes; Aprender a chutar com as mãos: jogos eletrônicos e o ensino do futebol; Aspectos didático-pedagógicos no ensino do futebol (Ementa da oficina Futebóis no I Pensando a Educação Física escolar, 2017).

No entanto, a proposta inicial de oficina precisou proceder algumas mudanças, sobretudo, no aspecto tempo. Porque os organizadores do evento perceberam que o horário da mesa de encerramento (previsto para acontecer no sábado à noite) podia gerar esvaziamento (sobretudo, por causa da necessidade do retorno dos participantes para as suas cidades), foi feita uma proposição de adiantamento dos horários das atividades previstas para os turnos da tarde e noite. É importante ressaltar que essa foi uma decisão coletiva que contou com a participação das/dos oficineiras(os). A oficina agendada para as 14 horas teve início, portanto, às 13 horas e 30 minutos. E foi com a adaptação a esses imprevistos e seus desdobramentos que a oficina “Futebóis” ocorreu numa bela e fria tarde do dia 15 de julho de 2017 no campus do Instituto Federal de Minas Gerais (IF-MG) campus Ouro Preto

Recebemos as/os participantes na quadra descoberta do IFMG nos primeiros 30 minutos da oficina. Nesse momento, fizemos uma conversa inicial de apresentação: falamos sobre nossa atuação profissional e pedimos para as pessoas se apresentarem e, também, para falarem sobre o interesse na oficina.

Conforme dito anteriormente, o futebol no Brasil é uma prática bastante ligada ao universo masculino – o que afeta o acesso e os modos de participação de meninas e mulheres na prática. Isso refletiu, entretanto, inversamente em nossa oficina, uma vez que tivemos mais inscritas que inscritos, precisamente, oito mulheres e cinco homens. Isso nos chamou atenção, pois parecia sinalizar algo importante: que, talvez, porque os homens tem acesso cotidiano ao futebol (o que permite certo “domínio” dos conhecimentos que o envolvem), as mulheres (excluídas do amplo processo de participação nessas práticas, conforme Faria, 2008) tem necessidade de investir em espaços formais para a sua aprendizagem – com é o caso de uma oficina. Assim, elas foram taxativas ao sinalizar os motivos para escolha dessa oficina no evento: *“ausência do futebol na formação acadêmica”*; *“pensar como abordar o futebol na escola”*; *“buscar outras formas de tratar o futebol na escola”*.

Após a recepção e a apresentação entregamos aos participantes o texto “Regras do Futebol de Rua”⁷. Fizemos uma leitura coletiva e, posteriormente, conversamos sobre o mesmo. A escolha do texto fazia referência à necessidade de colocar em pauta a singularidade do futebol no Brasil, como uma prática que se multiplica/desdobra em diferentes formas de jogar e de engajamento. Trazer o clima do futebol de rua para a oficina nos ajudava: a) a deslocar os participantes da noção de ensino do futebol como algo que se aproxima do formato oficial como o único horizonte para a prática; b) a apresentar alternativa lúdica de leitura sobre o tema (dadas as características literárias do texto de Luiz Fernando Veríssimo 1978); c) a propor uma leitura que, também, pudesse ser tomada como material didático nas aulas de EF⁸.

Após uma agradável conversa sobre o texto (que trazia à tona aspectos cômicos que emergem da prática cotidiana do futebol) passamos para a atividade denominada “fazer timinho”. O nome da atividade remete à forma como as crianças recorrentemente denominam a separação de times para jogar futebol. Com inspiração nessa prática, a atividade ampliava a ideia de organizar um time, trazendo outros elementos que compõe os clubes de futebol. Dessa forma as/os participantes, além de se dividirem em grupos, também, deveriam escolher um nome, elaborar um hino e os cantos da torcida, além de escrever uma história para esse time. Para a atividade os grupos receberam papel, estojos com lápis de cor e estojos de caneta de colorir. Após entregar o material, combinamos com os participantes o tempo para a realização da tarefa. Circulamos um pouco entre os grupos para sanar dúvidas, depois nos concentramos na recepção dos participantes que ainda chegavam ao grupo: orientando-os, inserindo-os nas práticas.

Ao conjugar práticas cotidianas do futebol de rua com aquelas que envolvem a sua manifestação em âmbito coletivo mais amplo, intencionávamos explorar o tema ligando aspectos relacionados à cultura e sociedade. Essa atividade buscava, portanto, um duplo movimento: a) reestabelecer o lugar de sujeito ao praticante do futebol (“fazer timinho”, de certa maneira, resgata jovens e crianças como protagonistas da prática); b) ampliar o horizonte acerca dos clubes de futebol, estimulando reflexões sobre os símbolos que cercam tais instituições e sobre os

⁷ O texto de Luis Fernando Veríssimo pode ser encontrado em:

<https://contobrasileiro.com.br/futebol-de-rua-cronica-de-luis-fernando-verissimo/>. Acesso em 25 maio 2020.

⁸ Além da literatura outras possibilidades de se trabalhar com o futebol ligado às artes podem encontradas em ABRANTES e SILVA (2016).

agrupamentos de torcedores que as apoiam. Foram questões passíveis de problematização a partir dessa atividade: Quais mensagens passam os hinos, os gritos de guerra das torcidas, os símbolos das intuições? Quais ligações com outras dimensões da vida guardam as histórias de tais agremiações? Quais os lugares reservados aos grupos, historicamente segregados de direitos, na história dos clubes? Fortalecemos, assim, a importância da formulação de perguntas nas aulas, a partir do diálogo com as trajetórias das/os estudantes com o futebol.

Depois das reflexões realizamos uma breve partida de futebol com variações e adaptações das regras. Fizemos, além do jogo de futsal tradicional, o ‘futebol de dupla’, entre outras variações. Elencamos situações nas quais as(os) participantes pudessem participar, independente da história que tivesse com o jogo. No decorrer desse processo, avaliamos que as reflexões anteriores aos jogos sensibilizaram as(os) participantes quanto aos vários elementos que constituem a complexidade do futebol e que influenciam a sua vivência enquanto uma prática coletiva.

As práticas futebolísticas realizados na oficina seguiram o mesmo “espírito” do texto futebol de rua – conjugando invenção e apropriação da prática. Risos, gritaria, corre-corre, confrontos, confusão, hesitação, gozações, contatos, frustrações, comemorações, cobranças, respirações ofegantes, disputas, abraços, rudeza, acolhimento, alegria... são imagens “desconexas” em nossa memória nesse momento. Mas, se por um lado, não conseguimos hoje traçar uma linha reta para narrar em detalhes as práticas ali estabelecidas, por outro, a percepção de que o “se movimentar” é algo, de fato, caro para professores de EF e estudantes de graduação em EF, ganha força: os participantes se entregaram totalmente à atividade.

Algumas vezes, ficava nítido no jogo que os participantes da oficina se esqueciam dos papéis a eles associados e dos objetivos iniciais para estarem ali e, assim, se permitiam expressar as contradições inerentes à prática – que pode até criar um fosso entre o estar dentro (jogando) e estar fora do jogo (refletindo). Observar e intervir nas práticas daquele grupo nos ajudou a perceber que sobre o “controle” de certos tipos de emoção em torno do jogo é mais fácil falar do que fazer, já que os embates emergem das relações. Esse é um aspecto crucial para o aprender não só nos “Futebóis”, mas nos esportes em geral: certos aprendizados só se tornam efetivos quando se convertem em ações (Faria, 2008). Afinal, de pouco valem os discursos sobre cooperação e “fair play” se, no ato de jogar, eles se apagam do horizonte da prática. Praticar com os pares e

participar dos embates que emergem do futebol (experimentando a complexidade de fazer parte) é, portanto, um exercício fundamental de conhecimento (sobre a prática e sobre si mesmo) dos quais professores podem se beneficiar.

Com a realização dos futebóis na oficina, de certa maneira, recolocamos ao grupo a necessidade de apostar na participação como um modo de pensar sobre; como um dos exercícios de conhecimento (o que não exclui outros). Portanto, as práticas futebolísticas experimentadas pelos participantes naquela tarde fria, além de aquecer o corpo, também, buscava aquecer o desejo de aprendizados que ultrapassassem o discurso. Ao nosso olhar, os praticantes se lançaram nessa tarefa e expressaram, a partir dela, possibilidades de conhecer/ser nos e dos “Futebóis”.

No segundo momento da oficina caminhamos com os participantes em direção a uma sala de aula do prédio do IFMG- Ouro Preto. Se por um lado, a configuração da sala de aula favorecia ao debate que pretendíamos realizar nesse momento (pois, há um discurso silencioso na arquitetura escolar que privilegia/“conforma” a realização desse tipo de prática na sala de aula – ESCOLANO, 1998), por outro lado, o frio do inverno em Ouro Preto/MG e as dores no corpo, faziam justiça em revelar alguns aspectos insalubres dos quais os professores de EF lidam cotidianamente nas escolas: seja a exposição prolongada ao sol/calor, à chuva e ao frio; seja a falta de qualquer tipo conforto (ficando de pé por horas a fio); seja a superexposição na escola; dentre outros.

Uma vez na sala de aula, nos acomodamos com os participantes: nós/oficineiros mais à frente e demais participantes nas carteiras dispostas em fileiras. Na sequência, passamos a música “Brazuca”⁹ do Gabriel o Pensador enquanto projetávamos imagens de futebol na parede da sala de aula. A letra da música é emblemática sobre a representatividade do futebol na sociedade brasileira, bem como, sobre os muitos dilemas sociais nos quais ele se insere e dialoga no cotidiano.

Futebol? futebol não se aprende na escola

No país do futebol o sol nasce para todos mas só brilha para poucos
E brilhou pela janela do barraco da favela onde morava esse garoto
chamado brazuca

Que não tinha nem comida na panela mas fazia embaixadinha na
canela e deixava a galera maluca

Era novo e já diziam que era o novo Pelé

⁹ O áudio da música está disponível em: <https://youtu.be/DrOMRBN7zGI> acesso em: 25 maio 2020.

Que fazia o que queria com uma bola no pé
Que cobrava falta bem melhor que o Zico e o Maradona e que driblava
até melhor que o mané
Pois é
E o brazuca cresceu, despertando o interesse em empresários e a
inveja nos otários
Inclusive em seu irmão que tem um poster do Romário no armário
Mas joga bola mal pra caralho
O nome dele é zé batalha
E desde pequeno ele trabalha pra ganhar uma migalha que alimenta
sua mãe e o seu irmão mais novo
Nenhum dos dois estudou porque não existe educação pro povo no
país do futebol
Futebol não se aprende na escola
É por isso que brazuca é bom de bola

Brazuca é bom de bola
Brazuca deita e rola
Zé batalha só trabalha
Zé batalha só se esfola
Brazuca é bom de bola
Brazuca deita e rola
Zé batalha só trabalha
Zé batalha só se esfola

Chega de levar porrada
A canela tá inchada e o juiz não vê
Chega dessa marmelada
A camisa tá suada de tanto correr
Chega de bola quadrada
Essa regra tá errada, vamo refazer
Chega de levar porrada
A galera tá cansada de perder

No país do futebol quase tudo vai mal
Mas brazuca é bom de bola, já virou profissional
Campeão estadual, campeão brasileiro
Foi jogar na seleção, conheceu o mundo inteiro
E o mundo inteiro conheceu brazuca com a dez
Comandando na meiúca como quem joga sinuca com os pés
Com calma, com classe, sem errar um passe
O que fez com que seu passe também se valorizasse
E hoje ele é o craque mais bem pago da Europa
Capitão da seleção, tá lá na copa
Enquanto o seu irmão, zé batalha,
E todo o seu povão, a gentalha
Da favela de onde veio, só trabalha

Suando a camisa, jogado pra escanteio
Tentando construir uma jogada mais bonita do que a grama que
carrega na marmita
Contundido de tanto apanhar
Confundido com bandido, impedido
Pode parar!!

Sem reclamar pra não levar cartão vermelho
Zé batalha sob a mira da metralha de joelhos
Tentando se explicar com um revólver na nuca:
Eu sou trabalhador, sou irmão do brazuca!
Ele reza, prende a respiração
E lá na copa, pênalti a favor da seleção
Bola no lugar, brazuca vai bater
Dedo no gatilho, zé batalha vai morrer
Juiz apitou... tudo como tinha que ser:
Tá lá mais um gol e o brasil é campeão
Tá lá mais um corpo estendido no chão

Brazuca é bom de bola
Brazuca deita e rola
Zé batalha só trabalha
Zé batalha só se esfola
Brazuca é bom de bola
Brazuca deita e rola
Zé batalha só trabalha
Zé batalha só se esfola

Chega de levar porrada
A canela tá inchada e o juiz não vê
Chega dessa marmelada
A camisa tá suada de tanto correr
Chega de bola quadrada
Essa regra tá errada, vamo refazer
Chega de levar porrada
A galera tá cansada de perder

O país ficou feliz depois daquele gol
Todo mundo satisfeito, todo mundo se abraçou
Muita gente até chorou com a comemoração
Orgulho de viver nesse país campeão
E na favela, no dia seguinte, ninguém trabalha
É o dia de enterrar o que sobrou do zé batalha
Mas não tem ninguém pra carregar o corpo
Nem pra fazer uma oração pelo morto
Tá todo mundo com a bandeira na mão esperando a seleção no
aeroporto

É campeão da hipocrisia, da violência, da humilhação
É campeão da ignorância, do desespero, desnutrição
É campeão da covardia e da miséria, corrupção
É campeão do abandono, da fome e da prostituição

Brazuca é bom de bola
Brazuca deita e rola
Zé batalha só trabalha
Zé batalha só se esfola
Brazuca é bom de bola
Brazuca deita e rola
Zé batalha só trabalha
Zé batalha só se esfola

Chega de levar porrada
A canela tá inchada e o juiz não vê
Chega dessa marmelada
A camisa tá suada de tanto correr
Chega de bola quadrada
Essa regra tá errada, vamo refazer
Chega de levar porrada
A galera tá cansada de perder (2x)

Chega de levar porrada!!

Faixa 09 do álbum “Nádegas a Declarar” do Gabriel o Pensador de 1999.¹⁰

Muitas imagens (fotografias de práticas futebolísticas em ruas, escolas, campos de futebol, que misturam lazer, ensino, trabalho e seus subprodutos) foram embaladas ao som da música e produziram, juntamente com as práticas realizadas na quadra, um fio condutor para a continuidade conversa. O objetivo foi possibilitar diferentes experiências aos participantes no decorrer da oficina (a leitura do texto, as práticas futebolísticas e o vídeo assistido) como modo de impulsionar o debate. Ao mesmo tempo, também almejávamos explorar temas importantes para a EF escolar e que, de alguma maneira, compunha nossas trajetórias de pesquisa com o futebol.

Terminada a apresentação do vídeo, propusemos que a disposição dos participantes em sala fosse alterada. Organizamos um círculo e convidamos os participantes a dar continuidade ao debate iniciado na

¹⁰ Letra disponível em: <https://www.letras.com/gabriel-pensador/65578/> acesso em: 25 maio 2020.

quadra – agora inserindo análises sobre o vídeo. Assim, a medida que os participantes se lançavam nessa atividade (e a participação foi intensa), inseríamos questões/reflexões/problematizações que avaliávamos pertinentes ao debate do futebol, dentre as quais: futebol e escola, futebol e cotidiano, futebol e mulher, futebol e violência, futebol e espetáculo, futebol e racismo, futebol e aprendizagem cultural, dentre outros.

Conforme discutimos na ocasião do planejamento da oficina, não nos parecia possível tematizar futebolis sem que a complexidade social dessa prática fosse colocada em pauta. Optamos, portanto, por seguir uma trilha na qual o objetivo estava mais próximo à ideia de desvelar a sua complexidade e diversidade, do que propriamente apresentar novas maneiras de praticá-lo nas aulas de EF. No entendimento partilhado por nós/oficineiros/a estava consolidada a noção de que “Futebolis” não seria uma mera proposição pedagógica ou conjunto de práticas a serem repassadas aos participantes. A oficina futebolis buscava, portanto, dar relevo a uma forma de compreendê-lo que fazia justiça ao seu enraizamento social extremamente complexo e dinâmico. Intencionávamos, também, revitalizar o debate sobre a centralidade do futebol na cultura brasileira e na escola de maneira a superar noções equivocadas, tais como: a) porque o futebol já acontece na escola (e em todo lugar), não devemos nos preocupar em tematizá-lo nas aulas; b) porque o futebol é muito comum no cotidiano, ele não deve ocupar parte importante do planejamento de ensino; c) porque o futebol é objeto de desejo dos alunos/meninos, ele não deve ser alvo das aulas de EF (acontece por si só); d) porque os alunos já “conhecem” futebol, podemos dar maior espaço para outros temas nas aulas de EF. Cabe aqui, portanto, um posicionamento político: o futebol é uma prática cultural de grande relevância e a sua difusão no cotidiano traz implícito aspectos (de inserção social, política, identitária, econômica, cultural, etc.) que potencializam possibilidades de compreender certas dinâmicas do Brasil. Na oficina Futebolis esse foi o horizonte de debate.

De maneira geral, os participantes da oficina acolheram o convite ao debate. No decorrer do processo tivemos a impressão de que a intenção inicial de aprender formas de jogar futebol (explicitada por muitos professores quando sondados sobre as motivações para a escolha da oficina), foi dando espaço à compreensão alargada das possibilidades de construção dessas alternativas a partir de investigações e de acolhimento dos conhecimentos dos/com os alunos. A ideia de que “futebolis” já é parte do que experimentamos no cotidiano brasileiro foi, portanto, alinhando a

construção de um outro olhar (sobretudo, reflexivo e investigativo) para a prática.

Naquela tarde de debate elencamos muitas questões que, posteriormente, colocamos em diálogo com o tema educação e futebol. Tomados de maneira ampla, a conversa sobre o tema instigou participantes a pensar nos múltiplos processos educativos que permeiam as práticas futebolísticas, bem como, a necessidade de desvelar diferentes aspectos que o compõem no Brasil. Mas, ensejávamos que os participantes não saíssem da oficina com a ideia de que o trato com a complexidade de “futebóis” se circunscrevia à abordagem com os alunos apenas a partir do discurso (falar sobre futebol nas aulas). Gênero, dimensões étnico raciais, questões de acesso e aprendizagem, machismo, dentre outros, foram levados em consideração como modo de propor e de intervir nas práticas e não apenas para produzir narrativas sobre o futebol.

Como em qualquer espaço de debate, muitas questões dos participantes foram compondo a cena e, à medida em que, ensaiávamos respondê-las, também, ampliávamos o nosso entendimento. Isso nos fez compreender que se propor a ministrar uma oficina é, por um lado, revisitar alguns conhecimentos alcançados e, por outro, se permitir a desestabilizá-los. O oficineiro se lança, portanto, a um empreendimento de constituição, também, de si mesmo e de sua prática. Trata-se de uma experiência de abertura e compartilhamento. Assim, naquela tarde que passamos juntos com aqueles professores, professoras, graduandos e graduandas nos lançamos em um processo de conhecimento (e não a um projeto clássico de ensino). Aprendemos com eles sobre o que estávamos fazendo a cada pergunta e/ou reflexão. Muitas vezes, nos olhamos (os oficineiros) para ver qual de nós responderia à pergunta ou exploraria uma nova temática lançada por um dos participantes – já que não se tem controle sobre os temas de um debate. Esse foi um processo bonito, pois expressava também nossa cumplicidade e respeito. Enfim, a confiança foi conciliadora desses aprendizados.

Ademais o significado que essa oficina ocupa em nossa formação pode também ser dimensionado a partir de algumas singularidades, que vão desde a trajetória dos oficineiros, do evento e do próprio coletivo. Para alguns de nós (Eliene e Thiago) essa oficina foi a primeira ofertada a professoras e professores. Um processo novo, instigante e desafiador, na medida em que, lidamos com um público diferenciado: eram nossos pares. Por essa característica a experiência já tinha em si um significado bastante diferenciado para nós. Em tempo, é importante salientar que o professor Luiz já tinha essa vivência em sua trajetória e que isso trouxe um

certo equilíbrio ao trio de oficinairos/a – o que tornou a experiência ainda mais enriquecedora.

Encerramos a oficina com um pequeno atraso, pois o tema instigou muitas reflexões dos participantes (afinal, à medida que a conversa ia sendo tecida as intenções de fala foram se tornando cada vez mais evidentes). Sabíamos, de antemão, que a oficina não encerraria todo o movimento de conhecimento gerado em torno da ideia de “Futebóis”. Mas, uma vez que, o que pretendíamos era alcançar um movimento de abertura dos participantes para com a possibilidade de levar a sério as práticas futebolísticas na escola, de certa maneira, compreendemos que a oficina “Futebóis” se constituiu como um impulso inicial. A avaliação positiva dos participantes, também, nos fez entender que aquele tempo que passamos juntos tematizando “futebóis” conciliou possibilidades para outros fazeres docentes na escola, ou seja, outros futuros!

Nos dias que seguiram a realização da oficina “Futebóis” nos propusemos a avaliar a experiência. Contudo, a volta para Belo Horizonte, o intervalo das férias escolares de julho e, posteriormente, o retorno brusco ao pesado cotidiano de trabalho e de outros afazeres, foi tornando essa possibilidade cada vez mais distante. Seguimos sem realizar uma avaliação formal da oficina até aqui, embora conversamos algumas vezes sobre ela. Contudo, aquilo que antes estava estável (anestesiado) em nossos sentimentos sobre o processo vivido na oficina “Futebóis”, ganhou novos contornos com o convite para compor esse livro. O desafio de produzir esse artigo trouxe à tona elementos que só puderam ser percebidos a partir do exercício da escrita. Escrever sobre essa experiência nos fez perceber a importância do exercício de registro sobre as práticas. Produzir esse artigo foi, sem dúvida, um processo de descoberta!

Ainda sobre “Futebóis” nas aulas de EF: mais algumas palavras

O esforço de descrição da oficina “Futebóis” e a retomada reflexiva do tema nos revirou ponta-cabeça! Nessa cena o desejo de compartilhar nos impeliu a desdobrar um pouco mais a escrita sobre essa prática cultural que incide no Brasil de maneira tão intensa e ampla. Com esse ímpeto nos dedicamos a explorar nesse item um pouco mais o tema “futebóis” tentando compartilhar reflexões da oficina e movimentos posteriores a ela. Trata-se, portanto, de um convite para um outro tipo de mergulho no tema.

Ao abordar o futebol na escola é comum encontrarmos algumas barreiras devido à sua forte presença na cultura brasileira, especialmente,

na formação dos meninos e jovens do sexo masculino Com isso não é raro os alunos pedirem para o/a professor/a “soltar a bola” quando este conteúdo é abordado ou quando o tema da aula não lhes interessa. Aqui cabe uma ressalva: a ideia não é advogar pelo atendimento irresponsável das demandas dos alunos oferecendo-lhes futebol sempre e da maneira como quiserem jogar. Nem mesmo que o jogo aconteça sem a participação/interferência docente. De outro modo, entendemos que não é o caso dos docentes ficarem alheios aos interesses – historicamente constituídos – dos alunos. Buscar nas aulas de EF uma relação de equilíbrio e confiança, de modo que os alunos possam entender a importância e a relevância do futebol em diálogo com demais conteúdos da disciplina é um desafio a ser enfrentado. Optando por esse caminho pedagógico nas aulas, o futebol passa a compor com as demais práticas culturais uma trama que dá legibilidade aos diferentes aspectos do tecido social no qual os estudantes estão imersos. É nesse campo que a defesa por “Futebóis”, como abordagem para a EF, se coloca. Entendemos, portanto, que, uma vez que o tema adentra a aula, ele cumpre o papel, também, de nos revelar enquanto pessoas historicamente situadas, ou seja, é parte de projeto político pedagógico. E sim! Toda cena de ensino é intencional, portanto, política. Afinal, a política é inerente à educação – ainda de maneira mais incisiva nos processos escolares que se auto definem neutros.

Conforme afirma Paulo Freire (1996) é preciso respeito aos saberes dos educandos. Portanto, nas práticas futebolísticas escolares deve-se almejar um tipo de diálogo com os estudantes que torne possível a construção de novos conhecimentos. A ideia é, ao trabalhar os “Futebóis” na escola, dar relevo às múltiplas práticas e, com isso, estimular reflexões sobre a sua presença em outros campos da vida dos estudantes.

Os “Futebóis” compõem o cotidiano de modo presencial e/ou virtual: nas partidas profissionais, amadoras ou de lazer, nos brinquedos (jogo de botão, vídeo game e etc.), na literatura, no jornalismo, na história, nas artes, na cultura popular, etc. O uso do termo “Futebóis” é, portanto, mais que uma provocação. Conforme dito anteriormente, o termo nos leva a pensar na variedade de futebóis existentes no Brasil e na diversidade de formas de jogar/vivenciar, de significados e de manifestação. A possibilidade de desempenhar diferentes papéis dentro de um mesmo conteúdo permite aos estudantes compreender que o objeto de estudo pode ser apreendido de diversas formas e de diferentes pontos de vista – o que pode levá-los a refletir sobre como os “futebóis” os constitui enquanto pessoas/brasileiros, na mesma medida em que, os praticantes

constituem os “futebóis”. Trata-se de um processo circular no qual o estudante não é mero receptor, mas produtor cultural e de si mesmo.

Ampliar a noção restrita de “Futebol” para “Futebóis” favorece a problematização de questões presentes nas práticas corporais, mas, também em outras dimensões da vida social. Tomemos como exemplo uma questão comum nas aulas de EF: a dificuldade de participação das meninas na prática. Embora, as razões possam parecer diversas (medo da bola, vergonha por não saber jogar, dentre outras), um elemento importante é a histórica exclusão da mulheres da prática – o que se manifesta, cotidianamente, nas barreiras que os meninos impõe às meninas para manter a hegemonia de uso da quadra ou pátio (contexto no qual é também possível observar as estratégias das meninas para se situarem nessas relações de poder, como Altman (1998), nos ajuda a perceber). A partir da problematização da questão – que envolve o gênero, o exercício de masculinidade e o tão presente machismo da sociedade brasileira – é possível construir alternativas de participação com a turma. O mesmo vale para outros temas como o racismo, a homofobia, a violência, entre outros, que podem ser problematizados, uma vez que, possibilitam a formação cidadã dos educandos.

A abordagem de “futebóis” nas aulas pode articular outros conteúdos da EF (como as brincadeiras e jogos), bem como, possibilitar a criação de pontes entre EF e outras disciplinas, ou seja, a instalação de trabalhos interdisciplinares na escola. Como exemplo podemos citar: a história do futebol moderno e suas transformações no tempo, suas representações nas artes visuais, nas músicas e na literatura podem estabelecer diálogo com as disciplinas de História, Artes e Literatura e/ou Língua Portuguesa.

Sem deixar morrer a curiosidade e apagar o fascínio que desperta, o movimento intenso de diálogo pode permitir que o Futebol/unitário (no qual os alunos e alunas aprendem a conhecer no cotidiano, em parte mediado pelas empresas de comunicação) vá deixando de ser algo menor/simplista. Parafraseando Paulo Freire (1996), podemos dizer que, na tomada de consciência sobre a complexidade que essa prática apresenta/expressa, aos poucos, o saber ingênuo sobre “Futebol” vai se criticizando e se transformando em um saber/conhecimento sobre “Futebóis”.

Palavras finais

As reflexões feitas no processo de escrita da oficina “Futebóis” (oferecida no evento *I Pensando a EF Escolar*) aqui não se esgotam. Nesse artigo, contudo, buscamos compartilhar tal experiência com o objetivo de

suscitar problematizações em torno do tema que possam contribuir com a prática social e o fazer pedagógico.

Durante a escrita consideramos necessário revisitar nas memórias as nossas ligações com o futebol: da infância, passando pelo fazer docente, à sua constituição como tema de pesquisa. Esse exercício nos ajudou a explicitar singularidades de trajetórias, mas, também, disparidades de acesso à prática. Percebemos que apesar de alguns avanços no campo, há ainda um longo e árduo caminho a ser percorrido para garantir equidade de acesso em nosso país. Reafirmamos, também, a compreensão de que a aula de EF é contexto privilegiado para problematizar essas questões e romper com essa lógica excludente presente em tantos outros espaços.

No caso da EF, a enorme variedade de elementos da cultura (as brincadeiras e jogos, as lutas, os esportes, as ginásticas, as danças e as práticas corporais de aventura) e o limitado tempo na “grade” curricular, pode resultar no trato superficial do objeto de ensino. Compreendemos que estes são desafios que o cotidiano escolar nos apresenta e que a prática docente exige permanente aprendizado, ou seja, requer investimentos de estudo e de partilha de conhecimentos entre pares. Conforme afirma Paulo Freire (1996, p. 14) “não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino”. Almejamos, desse modo, que esse texto possa contribuir com esse necessário exercício de reflexão/ação.

Ao abordar a riqueza e potencial pedagógico dos “Futebóis” buscamos apresentar possibilidades nas quais os docentes pudessem refletir e, a partir de sua realidade, construir a prática. Procuramos explicitar os “futebóis” como práticas socioculturais que possuem múltiplas facetas, que apresentam intersecções com vários campos da vida e, também, como algumas questões são potencializadas por ele. As atividades desenvolvidas na oficina “Futebóis” foram exemplos nos quais procuramos tornar mais nítida essas interfaces. Optamos, portanto, por seguir uma trilha na qual o objetivo estava mais próximo à ideia de desvelar a complexidade e diversidade de “futebóis”, do que propriamente apresentar novas maneiras de praticá-lo nas aulas de EF. Ao convidar os docentes e estudantes em formação para pensar em uma nova forma de considera-lo no âmbito da EF, buscamos maneiras de tematizar essa prática sem torná-la única; sem produzir receitas.

É importante salientar que a oficina se fundamentou em quatro pilares: a aproximação com a literatura, a experiência prática de futebóis; a experiência estética (sons imagens) e a experiência dialógica com o debate entre pares. Não nos propusemos, portanto, a ofertar um conhecimento

pronto/produto a ser assimilado pelos participantes¹¹. Nos lançamos num projeto intencional de partilha de conhecimentos, ao mesmo tempo em que, evocamos nossos conhecimentos e trajetórias como horizonte de constituição de um olhar ampliado para as possibilidades de produção de “futebóis” nas aulas/escolas. Esse processo nos permite dizer que aquela oficina foi uma experiência de composição. Ela não é, desse modo, passível de repetição. Afinal, hoje também não somos mais os mesmos.

Por fim, não é possível encerrar a narrativa da oficina “futebóis” sem dizer do contexto da escrita – e que também permite desvelar o poder mobilizador/articulador dessa prática cultural. Primeiramente, é preciso assinalar que esse artigo foi escrito em tempos de confinamento (isolamento social) por causa da COVID-19: uma pandemia que no Brasil tem a sua mais avassaladora expressão devido à negligência do governo, não apenas para com a saúde pública, mas para com todas as demandas da população pobre (que no Brasil é maioria absoluta)¹². Assim, é importante destacar que a escrita converge/convive com o sentimento de medo, angústia, tristeza, mas também, por vezes, esperança! Contudo, em tempos de pandemia e ventos fascistas (que insistem em sair dos esgotos), é o nosso melhor representante – o futebol – que retoma à cena da luta nas ruas em defesa da democracia e por direitos. Afinal, são as torcidas de futebol que, em tempos de isolamento social imposto pela pandemia, iniciam o movimento de retomada das ruas de um país curvado diante de tantas mazelas para gritar: “Basta!”

Referências

ABRANTES, F. V. de P; SILVA, T. J. Futebol e Artes. In: SILVA, S. R. da; CORDEIRO, L. B; CAMPOS, P. A. F. (Orgs.). **O ensino do futebol: para além da bola rolando**. 1ed. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016, v. , p. 175-196.

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE/UFMG), Belo Horizonte, 1998.

¹¹ Dialogamos aqui com as noções de aprendizagem como inerente ao engajamento/participação na prática cotidiana (conforme argumentam Lave e Wenger, 1991).

¹² Para que o leitor possa entender a gravidade do momento, basta sinalizar que o número de mortos com a doença, iniciada no mês de março, soma hoje (01/07/2020) mais de 60.000. Enfim, é uma tragédia.

BRAZUCA (Remix). Intérprete: Gabriel o Pensador. Compositor: Gabriel o Pensador. In: **Nádegas a Declarar**. [Compositor e intérprete]: Gabriel o Pensador. [S. l.]: Sony Music, 1999. faixa 9 (4:53min). Disponível em: <https://youtu.be/DrOMRBN7zGI>. Acesso em: 25 maio 2020.

ESCOLANO, A. Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo. In: ESCOLANO, A; FRAGO, A. V. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução de Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FARIA, E. L. **A aprendizagem na e da prática social: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura) Disponível em: http://www.apeoesp.org.br/sistema/ck/files/4-%20Freire_P_%20Pedagogia%20da%20autonomia.pdf acesso em: 07 maio 2020.

GOELLNER, S. V. Pode a mulher praticar futebol? In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro, DP& A, 2000, p. 79-93.

LAVE, J; WENGER, E. **Situated learning: legitimate peripheral participation**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1991.

SILVA, F. L. **Práticas corporais de movimento na escola**. 2004. 115f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2004.

VERÍSSIMO, L. F. Regras do futebol de rua. In: **“O rei do rock”**, Coleção RBS/Editora Globo, 1978, pp. 11-15